



VIOLINO NO CHORO

Fomento e Difusão da
Música Genuinamente Brasileira

OFICINA
DE VIOLINO
TAMBÉM DÁ

Ministrante: **Felipe Karam**

1ª Edição
ano 2021

SUMÁRIO

A **OFICINA** | 01

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA MÚSICA BRASILEIRA | 02

HEITOR **VILLA-LOBOS** (1887-1959) | 05

DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL DO **ENSINO MUSICAL NO BRASIL** | 05

MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS, DANÇAS E RITMOS **POPULARES BRASILEIROS** | 06

Região Norte | 06

Região Nordeste | 07

Região Central (sudeste) | 09

Região Sul | 11

BIBLIOGRAFIA | 12

INFORMAÇÕES NA **INTERNET** | 12

ARTIGOS ACADÊMICOS | 13

SOBRE **FELIPE KARAM** | 13

A OFICINA

Esta oficina tem como objetivo principal suprir uma carência observada na formação dos instrumentistas de cordas friccionadas a respeito de conhecimentos básicos de harmonia e de ritmo presentes, de forma inequívoca, na música popular brasileira. Nas falas do ministrante, “tem o objetivo de oferecer as ferramentas necessárias para que os músicos das cordas, principalmente, possam traçar o

caminho de sua escolha, seja na música de concerto, ou na música popular”.

Abordará conteúdos como história e apreciação da música brasileira, harmonia funcional, forma e análise, polirritmia e improvisação. Levará em consideração a criação e a base idiomática, que são inerentes ao fazer da música popular brasileira.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA MÚSICA BRASILEIRA

por Felipe Karam

Sabe-se que, desde a chegada dos portugueses ao território, hoje considerado Brasil, a interação (nem sempre harmoniosa) entre os povos que passaram a nele coexistir gerou uma diversidade enorme de manifestações culturais. No caso da música, essa diversidade fica evidente na música sacra e de concerto, mas, principalmente, na música folclórica, tradicional e popular. Os primeiros relatos de música sendo produzida, no âmbito da música litúrgica, no Brasil, vêm da Sé de Salvador estabelecida em 1549 (Século XVI). Neles, consta a contribuição feita pelo mestre de capela Francisco das Vaccas e pelo organista Pedro da Fonseca. Infelizmente, não se encontram manuscritos de composições deste período. Possivelmente, o motivo de ele ter sido pouco documentado se deu pelo fato de os portugueses terem adotado as reformas, conservadoras, impostas pelo Concílio de Trento¹ à música litúrgica.

Encontra-se, também, cerca de cem anos depois, relatos de música sendo ensinada, composta e apresentada, com maestria, nas Reduções Jesuíticas Espanholas. Por meio deles, constata-se o fascínio e a facilidade dos nativos com a música europeia, não só tocando música vocal e instrumental, mas também confeccionando instrumentos. Estas reduções ocorreram no território do Rio del Plata, hoje parte da campanha gaúcha, e palco de muitas controvérsias, conflitos e guerras entre a coroa de Espanha e de Portugal, o que contribuiu, consideravelmente, para a perda de registros culturais do período.

É importante ressaltar que, mesmo estes processos tendo gerado relevantes produções culturais, o que se passou, não só pelo aspecto musical, foi alvo de uma imposição eurocêntrica que ajudou a moldar o que nós consideramos como música brasileira, hoje. Devemos reconhecer a prática musical nativa, e, mais tarde, dos povos africanos, trazidos ao Brasil, com o objetivo de creditar suas contribuições à nossa riqueza musical e cultural.

No Século XVIII houve um período de “explosão cultural” conhecido como Escola Mineira, ou Barroco Brasileiro, na região da Capitania das Minas Gerais. Este período foi resultante da “corrida pelo ouro” encontrado principalmente nas cidades de Diamantina, Ouro Preto e Mariana. Acredita-se que por volta de 1780 aquela região tinha mais músicos em atividade do que em todo Portugal, com mais de duzentos e cinquenta músicos apenas em Diamantina e mais de mil em toda a região. Observa-se a relação estreita das artes, em principal da música, com a economia da região: quando o ouro finalmente começou a se esgotar, a música e a produção artística diminuíram até quase extinguirem-se.

1. Concílio de Trento: 13º conselho ecumênico da igreja católica. Foi convocado pelo Papa Paulo III em 1546, em Trento, na Itália, e estabeleceu, entre muitas questões ligadas ao protestantismo, regras rígidas para a celebração da missa e ao que dizia respeito à música executada durante o serviço litúrgico.

Deste período, destaca-se José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (1746-1805), organista, maestro, compositor e professor. Todo o seu trabalho é conhecido no campo da música sacra e trabalhou principalmente ligado a irmandades² religiosas, tocando órgão em templos, regendo orquestras e produzindo peças para cultos e festas da Igreja. O seu estilo, como era regra na região e na época, é uma mistura única de referências renascentistas, barrocas e classicistas.

Com a vinda da família real para o Rio de Janeiro, que se tornou a capital do Império Português entre 1808 e 1822, ocorreram grandes mudanças na vida musical da época. A música era vista, principalmente, nas irmandades, que eram organizadas por classe e raça. Com o passar do tempo, irmandades com membros de origem “mestiça”, entre músicos e compositores, começaram a aumentar e, com isso, surgiu o termo “mulatismo musical”³. Neste período, por causa da divisão social da época, a grande maioria dos músicos que atuavam, tanto no âmbito litúrgico quanto no profano, eram mestiços “livres”, pois os brancos, proprietários de terra, ocupavam cargos ligados à política ou à liderança e já os negros eram escravizados e não podiam atuar profissionalmente na música.

Neste período, é referência o trabalho musical realizado pelo mestre de capela da Sé do Rio de Janeiro, Padre José Maurício (1767-1830), que encantou Dom João VI com suas composições, recebendo a sua indicação ao cargo musical de maior prestígio da época. Após alguns anos no cargo, e com a chegada do famoso compositor português, Marcos Portugal, ao Rio de Janeiro, José Maurício foi substituído. Relatos afirmam que esta substituição

foi resultado de intrigas e questionamentos por ele ser mulato. José Maurício viveu uma fase de grandes mudanças políticas, sociais e culturais, testemunhando a transição entre a colonização e o império do Brasil e, com a independência do País, na passagem do barroco ao neoclassicismo. É, sem sombra de dúvidas, considerado o maior nome da sua geração.

Com o retorno da corte a Portugal e passado o período de regência, a proclamação da independência do Brasil, em 1822, estabelece o período imperial brasileiro, que teve como imperadores Dom Pedro I e, mais tarde, em 1840, seu filho Dom Pedro II. O segundo, por ser amante das artes, teve papel importante na formação do primeiro compositor brasileiro de fama internacional, Antonio Carlos Gomes (1836-1896). Financiado pelo monarca, Carlos Gomes foi estudar em Milão e se tornou um compositor muito popular de óperas italianas, contemporâneo de Giuseppe Verdi (1813-1901) e Giacomo Puccini (1854-1924). Considerado, por muitos, o primeiro gênio da música da América do Sul, Carlos Gomes, nascido em São Paulo, partiu para o Rio de Janeiro para estudar no Conservatório de Música do Rio e, após graduar-se, com louvor, conseguiu uma bolsa de estudos na Itália em 1864.

2. Irmandades: Grupos religiosos que reuniam leigos em devoção a um santo ou santa. Promoviam festas, procissões e enterros, além de ter papel político entre o Estado e o poder eclesiástico. Atividades de ensino e atuação musical também eram exercidas pelas irmandades.

3. Mulatismo musical: Termo utilizado para definir o fato de que grande parte da música tocada e composta durante os Séculos XVIII e XIX, no Brasil, em especial em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, era feita por músicos “mestiços”.

Sua Ópera, "Il Guarany", inspirada no livro de José de Alencar, "O Guarani", estreou no famoso Teatro Scala de Milão. Como tema central, um personagem indígena, o índio Peri, teve grande repercussão no cenário da ópera italiana. Compositores famosos da época comentam a sua obra. Verdi disse que seu trabalho é uma expressão do "verdadeiro gênio musical". Já Franz Liszt (1811-1886), que "mostra densa maturidade técnica, plena maturidade harmônica e orquestral". A moda da ópera durou até meados do Século XX e seria o motivo da construção de diversos teatros importantes no Brasil, como o Teatro Amazonas em Manaus, o Teatro Municipal do Rio, o Theatro São Pedro em Porto Alegre, o Teatro Paz em Belém e vários outros, todos de proporções majestosas e decorados com requintes de luxo.

Ainda no Século XX, com a república estabelecida desde 1889, ocorre a Semana de Arte Moderna, realizada no Theatro Municipal de São Paulo, entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922. O evento oportunizou aos artistas defenderem a liberdade e a incorporação das formas modernas de

expressão do "Exterior", não para copiá-las, mas para recriá-las originalmente. Esta autêntica forma de arte brasileira deveria conter os elementos de todos os "Brasis": "Urbano e Rural", bem como o "Antigo e o Moderno". Durante a semana participaram pintores, escultores, poetas, arquitetos promissores e consagrados, como Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Victor Brecheret, Antônio Garcia Moya, entre outros, e representando a música, Villa-Lobos, Guionar Novais, Ernani Braga e Frutuoso Viana.

A mostra, que contou com o apoio de influentes políticos e milionários cafeeiros, teve cerca de 100 obras, entre pinturas e esculturas, espalhadas pelo saguão do teatro e três noites literário-musicais. As pinturas e esculturas causaram espanto no público, enquanto as sessões de música e poesia foram vaiadas.

4. Peri: Índio idealizado do Romance de José de Alencar, O Guarani. O libreto da ópera de Carlos Gomes, Il Guarany, foi baseado no livro do escritor brasileiro, escrito por Antonio Scalvini e concluído por Carlo D'Ormeville.



HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Villa-Lobos é, sem dúvida, embora não sem controvérsias, o mais aclamado compositor erudito brasileiro. Destaca-se por ser o principal responsável pela descoberta de uma língua peculiarmente brasileira na música de concerto, sendo considerado o maior expoente da música modernista no Brasil, compondo obras que contém nuances das culturas regionais brasileiras, com elementos de canções populares e indígenas.

Vivendo em uma época em que as ideias nacionalistas estavam florescendo em toda a América do Sul e em outras partes do globo, ele foi nomeado Chefe do Sistema de Educação Musical e Artística durante o regime do presidente Vargas, momento político turbulento que precedeu o golpe militar de 1964. Seu papel como educador prejudicou a imagem de Villa-Lobos em algumas escolas musicais, principalmente aquelas mais inclinadas às tendências musicais europeias, como o serialismo, que estava completamente fora das fronteiras nacionais até meados da década de 1960. Essa crise foi parcialmente atribuída ao fato de alguns compositores brasileiros acharem necessário conciliar o lançamento da música brasileira proposto por Villa-Lobos com os modelos europeus da década de 1920, que consideravam um estilo de música mais universal. Hoje, no Brasil, a data de seu nascimento é comemorada como Dia Nacional da Música de Concerto.

DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL DO ENSINO MUSICAL NO BRASIL

É importante ressaltar, também, que as mudanças de infraestrutura, que ocorreram com a vinda da família real e da sua corte para o Rio de Janeiro, tiveram impacto fundamental no que diz respeito ao desenvolvimento institucional do ensino musical no Brasil. Em 1841, por meio de um decreto imperial, foi instituído o primeiro Conservatório de Música do Brasil, conhecido como Imperial Conservatório de Música, que serviu, inicialmente, de modelo para os conservatórios da Bahia, de Belém e de São Paulo. Músicos ilustres foram alunos da instituição carioca, como Carlos Gomes, Henrique Alves de Mesquita e Anacleto de Medeiros. Após várias mudanças de sede, de administração e de gestores, hoje é a atual Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Observa-se que a tendência tradicionalmente eurocêntrica da academia brasileira pode ter impactado de forma negativa no desenvolvimento de referências na área do violino popular. Violinistas como Fafá Lemos (1921-2004) ou Gabriel Antônio de Azerêdo, ativos no período do auge da música instrumental popular brasileira, nas décadas de 1940, 50 e 60, são raros e praticamente desconhecidos. Esta realidade tem, provavelmente, sua razão fundamental no desprezo que a música popular sofreu pelas instituições acadêmicas, desde o tempo dos conservatórios de música, tendo em vista que o primeiro curso superior na área da música popular foi aberto apenas no ano de 1997, no Instituto Villa-Lobos, na Universidade do Rio de Janeiro (UniRio).

MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS, DANÇAS E RITMOS POPULARES BRASILEIROS

O Brasil, enquanto identidade cultural, em pouco mais de 500 anos, produziu uma vasta quantidade de manifestações populares, em forma de música e dança. Esta diversidade musical se apresenta de várias formas, nas diferentes regiões. Para esta oficina, foram compiladas algumas destas manifestações, consideradas mais importantes, que representam a

diversidade brasileira, divididas em quatro regiões: Norte, Nordeste, Sudoeste e Sul. Esta divisão não tem como propósito apresentar todas as manifestações musicais do Brasil, nem todas as regiões brasileiras, mas, sim, um apanhado do que temos de mais representativo, para que o leitor tenha uma visão geral do que fomos capazes de criar e moldar durante nossa história.

REGIÃO NORTE

Carimbó: Dança de origem indígena e que também sofre influência africana e portuguesa. O nome vem da língua dos Tupinambás. Em Tupi, Curimbó significa “pau que produz som”. É a dança mais popular do Pará, e que costuma ser celebrada depois que os pescadores voltam do rio. Os instrumentos utilizados são: tambor curimbó, maracás, banjo, agogôs, ganzás, flauta e xequerês.

Bumba Meu Boi: Manifestação folclórica registrada pela primeira vez em Pernambuco, popularizando-se consideravelmente no estado do Maranhão. Ela tem suas raízes na lenda que conta a história de um Boi que foi morto para satisfazer o desejo de uma mulher grávida, de comer sua língua. Após uma longa discussão com o proprietário e personagens da fazenda, o boi é ressuscitado com música e dança. Também tem, em alguns lugares, como no estado do Amazonas, um caráter competitivo e é conhecido como Boi Bumbá, proporcionando um grande festival e um belo espetáculo. Os instrumentos tradicionais incluem matracas, pandeirão, as maracas e o violão.

Retumbão: É a tradicional dança e música tocada durante as Procissões de São Benedito. Esta procissão começou com a autorização dada a 14 escravos, fiéis do Santo Negro, como é conhecido na região, a fundar a irmandade de São Benedito. Danças como a Contradança, a Mazurka, a Valsa e o Xote Bragantino também fazem parte da Marujada, manifestação em que o Retumbão é a dança principal. Os instrumentos são a rabeca, o banjo, o tambor (grande e pequeno) e a cuíca.

REGIÃO NORDESTE

Maracatu: Manifestação folclórica que tem sua origem no estado de Pernambuco, em meados do Século XVIII. Especula-se que desde 1711 ocorrem cortejos regularmente. O grupo Maracatu Elefante, a mais antiga agremiação de maracatu, foi criada pelo escravo Manuel Santiago, no ano de 1800, na cidade do Recife. O maracatu é dividido em duas vertentes: o maracatu-nação, ou de baque virado, típico das áreas urbanas, que apresenta o cortejo de uma corte imperial; e o maracatu-rural, ou de baque solto, que desfila representando as brincadeiras dos trabalhadores rurais. São utilizados instrumentos de percussão, como: Caixas, ganzás, gonguês, taróis e tambores, conhecidos como alfaias, e instrumentos de sopro com trombones e cornetas.

Frevo: Gênero musical, de ritmo animado, que tem sua origem na cidade de Recife, estado de Pernambuco, em meados do início do Século XIX. Destaca-se pelo virtuosismo melódico e pelo andamento rápido, além de antecipações rítmicas e harmônicas. Nasceu da rivalidade entre blocos de carnaval, que desfilavam pelas ruas, logo após a abolição da escravatura. Existem três tipos de frevo: O frevo-de-rua, instrumental, tocado por instrumentos de metais como o trombone, o saxofone, a tuba e o trompete, e instrumentos de percussão, como o tarol, a caixa e o surdo; o frevo-de-bloco, cantado, vindo dos seresteiros do início do Século XX, com sua formação "orquestra de pau e corda" executada por banjos, violões, cavaquinhos e, recentemente, o clarinete; e o frevo-canção, estilo orquestrado e em andamento mais lento, semelhante às marchas de carnaval. O frevo-de-rua é também conhecido como frevo-de-dança, no qual os assistas, como são chamados seus dançarinos, executam passos frenéticos e acrobáticos, que provém de danças como o maxixe, a polca e a capoeira. Figurinos coloridos e a famosa "sombriinha de frevo" o tornam muito popular.

Baião: É um ritmo animado e também uma dança. Os instrumentos utilizados tradicionalmente são o acordeon, a zabumba e o triângulo. Em certas regiões também se faz o uso de rabecas. Tem sua origem no sertão nordestino e, por conta da migração do povo da região para o Sul, tornou-se popular também em todo o Brasil. Deve muito de sua popularidade à carreira de grande sucesso de Luiz Gonzaga, considerado por muitos como o Rei do Baião.

Xote Nordestino: Antiga dança de salão que foi apresentada, pela primeira vez, no Rio de Janeiro, em 1851, pelo professor José Maria Toussaint. Dança em pares, em compasso binário, semelhante à polca. O termo xote acredita-se provir do schottisch, referente à polca escocesa. Tornou-se popular ao final do Século XIX, do Rio Grande do Sul ao Nordeste, onde faz parte do repertório dos trios de forró com o nome aportuguesado de xote, chote, xótis e chótis. Mesma instrumentação tradicional do baião.

Xaxado: De acordo com o Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, o xaxado é uma dança originária do alto sertão de Pernambuco e Interior da Bahia, e era exclusivamente masculino. Era dançado originalmente em roda, onde, em filas indianas, o pé direito avançava em movimentos laterais, e o esquerdo puxado em leve e deslizado sapateado. Derivado provavelmente do parraxaxá, o canto de guerra dos cangaceiros, foi divulgado no Nordeste por Lampião e seu bando. O vocábulo designativo dessa dança é a onomatopéia provocada pela batida das sandálias arrastadas pelo chão. A forma original apresentava apenas música vocal, mas com o “tempo forte” marcado pela batida da coronha do rifle no chão. Teve Luiz Gonzaga como o seu maior incentivador, que ao se apresentar nos salões de rádio no Rio de Janeiro e em São Paulo, tornou este estilo popular, de tal modo, que, até hoje, é dançado e tocado nos forrós pelo Brasil e no Exterior.

Afoxé (Ijexá): Afoxé, palavra em iorubá que quer dizer “a fala que faz”, é uma manifestação popular ligada aos rituais do Candomblé. Similar ao Maracatu tem no desfile, em forma de cortejo, carregado de influência religiosa, seu desenrolar no carnaval da Bahia, e, como ritmo o Ijexá, dança tornada popular pelo principal grupo de Afoxé de Salvador, os Filhos de Gandhi, fundado na década de 1940. Esta festa é considerada Patrimônio Imaterial da Bahia pelo Instituto do Patrimônio Histórico da Bahia (IPHAN) e pela Unesco. Os instrumentos utilizados são o afoxé, o xequerê, o agogô e os atabaques.

Coco de Roda: O coco de roda tem sua primeira referência em meados do Século XVIII, quando, inclusive, chegou a ser dançado em salões acompanhado de cítaras. Sua origem é motivo de debate, pois há aqueles que dizem ter influência africana e outros que afirmam ser uma mistura puramente nacional entre a música indígena e a africana em solo brasileiro. É uma dança do Interior, criada pelos trabalhadores dos engenhos de açúcar, que foi efetivada no estado de Alagoas antes de conquistar o Nordeste como um todo. Embora semelhante, existem vários tipos de coco como o coco-de-ganzá, o coco-de-mungonguê ou o coco-de-zambê. É um dos poucos ritmos brasileiros que não utiliza acompanhamento harmônico. Os instrumentos utilizados são: ganzá, bombos, zabumbas, caracaxás, pandeiros e cuícas.

REGIÃO CENTRAL (SUDESTE)

Lundu: O lundu, forma de canto e dança de origem africana, foi introduzido no Brasil por escravos Bantu, principalmente angolanos. Entre o Século XIX e o XX, passou por uma transformação social, aceitando as formas cadenciais da música europeia, deixando de ser uma manifestação popular e transformando-se em uma tradição popular urbana, que foi principalmente escrita e ouvida por homens. Foi, também, uma dança de salão, mas por contar com letras em duplo sentido e de caráter lascivo perdeu espaço na concorrência com outras danças que sofreram sua influência, as quais passaram a ser mais bem aceitas pela sociedade colonial brasileira, como o maxixe, por exemplo.

Maxixe: Também conhecido como Tango Brasileiro, o maxixe é considerado, por alguns dos mais importantes historiadores, como a primeira dança urbana genuinamente brasileira, que por volta de 1870 começou a surgir nos salões de dança da sociedade carioca. Embora inicialmente considerada vulgar por causa dos passos ousados e sensuais, para os padrões da época, após ser recebida bem em Paris e em cidades de outros países, se tornou popular no Brasil. Musicalmente, teve influência direta dos músicos populares que tocavam a polca, a mazurca e a valsa, nos salões de dança, premeditando o início do que viria a ser o regional de choro. Compositores como Ernesto Nazareth, Chiquinha Gonzaga e Donga foram expoentes deste gênero. Para alguns, até o famoso "Pelo Telefone", de Donga, conhecido como o primeiro samba gravado, é, na verdade, um maxixe.

Samba: O samba é um gênero musical e estilo de dança brasileiro, com raízes na África, por meio do tráfico de escravizados da África Ocidental e de tradições religiosas africanas, particularmente de Angola e do Congo, por meio da Chula e do Samba de Roda do estado da Bahia, pelo qual se derivou. Embora hoje existam diferentes formas de samba no Brasil, com características regionais, tanto no que diz respeito à forma de tocá-lo como a de dançá-lo, o gênero é visto originalmente como uma expressão musical do Rio de Janeiro urbano, ainda que esteja presente em todos os estados brasileiros. É reconhecido em todo o mundo como um símbolo do Brasil e do carnaval brasileiro. Considerado uma das expressões culturais brasileiras mais populares, o samba tornou-se um ícone da identidade nacional brasileira. O Samba de Roda baiano, que se tornou Patrimônio da Humanidade da UNESCO em 2005, é a raiz principal do samba carioca. Ele também desenvolveu, ao longo do Século XX, variações de construção harmônica e formal, como o Samba de Breque, o Samba Canção, o Samba Enredo e o Pagode.

Choro: No final do Século XIX, o choro resultou do estilo de execução de vários gêneros musicais, (polca, schottische, valsa, mazurca e habanera), por músicos cariocas, já fortemente influenciados pelos ritmos africanos,

destacando-se o lundu e o batuque. O termo "choro" foi usado informalmente, no início, para se referir à forma chorosa de se tocar ou a um determinado conjunto instrumental. Por exemplo, na década de 1870 o flautista Joaquim Antônio da Silva Callado formou um conjunto denominado "Choro Carioca", com flauta, dois violões e cavaquinho. Com o passar do tempo, vários gêneros musicais foram incorporados como subgêneros do choro, como "choro-polca", "choro-lundu", "choro-xote", "choro-mazurca", "choro-valsa" e "samba-choro". Assim como o ragtime nos Estados Unidos, o tango na Argentina e a habanera em Cuba, o gênero surge como resultado de influências de estilos e ritmos musicais vindos da Europa e da África. Tem como característica a forma barroca Rondó, embora mais tarde a forma AB também tenha passado a ser comum, e o acompanhamento contrapontístico, como característica harmônica. Seus expoentes maiores foram: Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Waldir Azevedo, Garoto, Radamés Gnattali, Altamiro Carrilho, entre outros. A seção rítmica do choro, chamada de "regional", utiliza o violão de sete cordas, o violão de seis cordas, o cavaquinho e o pandeiro acompanhando instrumentos solistas como a flauta, o clarinete, o acordeon, o bandolim, o violino, entre outros.

Bossa Nova: A Bossa Nova é um movimento musical iniciado nas décadas de 1950 e 1960 no Rio de Janeiro. Começou como uma nova forma estética do samba urbano, da mesma cidade, e se tornou, provavelmente, o gênero musical mais conhecido do Brasil. Esse movimento produziu alguns dos mais famosos e reconhecidos artistas e compositores da música popular brasileira, como Tom Jobim, João Gilberto, Vinícius de Moraes e Baden Powell. A influência do jazz americano contribuiu para tornar o estilo popular na América do Norte e na Europa e muitos temas do gênero passaram a fazer parte do repertório "standard" do jazz norte-americano. Assim como uma nova levada de violão, proposta por João Gilberto, diferente do samba tradicional, o gênero também adotou o "trio piano jazz" como estética musical: piano, contrabaixo e bateria em sua seção rítmica. O uso de dissonâncias harmônicas e arranjos elaborados, bem como melodias complexas, também caracterizam este gênero.

MPB: Movimento que surgiu em resposta à censura imposta pelo regime militar, a partir de 1964, e que usou os festivais de música, da TV Record, como forma de protesto. Estudiosos afirmam que foi encabeçada pela "segunda geração de artistas da bossa nova" e acabou tendo alguns destes, como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque, processados pelo Estado e exilados do País. Este gênero foi responsável por criar um vasto repertório de canções, muitas vezes com duplo sentido, para evitar ser cortado das apresentações públicas. Também conhecidas como "canções de protesto", composições dessa época são tocadas até hoje como repertório "standard" da música popular brasileira e inspirou uma quantidade imensa de compositores, como João Bosco, Cristóvão Bastos, Djavan, Ivan Lins, Milton Nascimento, entre outros.

REGIÃO SUL

Vaneirão, Vanera ou Vaneirinha: É uma dança em compasso binário, do sul do Brasil, que se acredita ter uma ligação com a habanera cubana e com as danças trazidas pelos alemães. É a dança mais comum dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. O instrumento mais utilizado é o acordeon e sua estrutura formal também utiliza o rondó, assim como a forma tradicional do choro.

Bugio: É também uma dança em compasso binário, originária do Rio Grande do Sul, que se acredita ter sido criada para imitar o som do bugio, (alouatta guariba clamitans), mamífero que vive na região, no fole do acordeon. Os passos da dança também são inspirados nos seus movimentos. Inicialmente, era restrita às classes menos favorecidas da sociedade gaúcha; com o passar do tempo, foi ganhando mais espaço. Hoje, existem festivais de bugio como o "Ronco do Bugio", em São Francisco de Paula, e a "Querência do Bugio", em São Francisco de Assis.

Chimarrita: Dança tradicional do Rio Grande do Sul, foi trazida para o Brasil na segunda metade do Século XVIII pelos colonizadores açorianos. Ao longo do tempo, desenvolveu-se numa dança de casais semelhante à de quadrilha. É encontrada não só no sul do Brasil, mas também nos estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo e nos países Argentina e Uruguai.

Xote Gaúcho: É um dos ritmos mais dançados no Brasil, tem suas raízes no schottisch, alemão, que se refere ao schottisch-polka. Também chegou ao Brasil na segunda metade do Século XVIII e tornou-se muito popular.

BIBLIOGRAFIA

CHEDEIAK, Almir. Harmonia e improvisação. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996. ISBN: 8585426152

CHEDEIAK, Almir. Choro. Organizado por Mario Séve. Rogério Souza e Dininho. São Paulo: Irmãos Vitale, 2009. ISBN: 9788574072586

FARIA, Nelson. O livro do violão brasileiro. São Paulo: Irmãos Vitale, 2012. ISBN: 9788574073644

MARIZ, Vasco. História da Música no Brasil – 5ª ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. ISBN: 8520910505

MOORE, Robin, editor. Musics of Latin America, W. W. Norton & Co., 2012. ISBN10: 0393929655
ISBN13: 9780393929652

PEREIRA Marco. Ritmos brasileiros para violão. Rio de Janeiro: Garbolights Produções Artísticas, 2007. ISBN: 9788561011000

TUGNY, Roângela Pereira de, Queiroz Ruben Caixeta de. Músicas Africanas e Indígenas no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. ISBN: 8570414897.

INFORMAÇÕES NA INTERNET

As Campinas de Carlos Gomes, O Guarani. Acesso em: 22 de jan. de 2021. [ACESSAR>>](#)

Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, Coco, c2002. Acesso em: 25 de jan. de 2021. [ACESSAR>>](#)

Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, Lundu, c2002. Acesso em: 28 de jan. de 2021. [ACESSAR>>](#)

Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, Maracatu Estrela de Ouro, c 2001-2021. Acesso em: 20 de jan. de 2021. [ACESSAR>>](#)

ESCÓCIA, Fernanda da. Folha de São Paulo, MPB entra no currículo universitário, São Paulo, 29 de out. de 1997. Acesso em: 26 de jan. de 2021. [ACESSAR>>](#)

FERNANDES, Claudio. História do Mundo, A Origem do Samba, c2021. Acesso em: 23 de jan. de 2021. [ACESSAR>>](#)

FERNANDES, Marcia. Toda Matéria, Afoxé, 5 de jul. de 2019. Acesso em 24 de jan. de 2021. [ACESSAR>>](#)

MONTEIRO, Maurício. Música e mestiçagem no Brasil, 3 de fev. de 2006. Acesso em: 21 de jan. de 2021. [ACESSAR>>](#)

Passei Web, O Guarani, livro de José de Alencar, 25 de set. de 2015. Acesso em: 24 de jan. de 2021. [ACESSAR>>](#)

PACIEVICHT, Thais. Infoescola, Frevo, c2006. Acesso em: 25 de jan. de 2021 [ACESSAR>>](#)

TOSCANO, Fernanda. Coco de Roda Origem e Resistência, A Verdade, Recife, 19 de Abr, de 2019. Acesso em: 26 de jan. de 2021. [ACESSAR>>](#)

ARTIGOS ACADÊMICOS

LIMA, Danicio Soares de. Ensino de geografia e música: uma prática pedagógica em geografia com o auxílio do xote e baião nordestinos. 2014. 57 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Experimental de Ourinhos, 2014. Acesso em: 20 de jan. de 2021. [ACESSAR>>](#)

RAZZANTE VACCARI, P. (2020). "Mulatismo musical" e sua simbologia: uma revisão historiográfica do Padre José Maurício Nunes Garcia a partir da etnomusicologia. Revista Internacional Em Língua Portuguesa, (37), 47-72. Acesso em: 22 de jan. de 2021. [ACESSAR>>](#)

SOBRE FELIPE KARAM

Natural de Porto Alegre, Felipe Karam é bacharel em Violino pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs, 2002) e mestre em Music Performance pela City University London (Londres-UK 2012), sob orientação do violinista cubano Omar Puentes. Na França, em 2010, concluiu um spring course com Didier Lockwood, no Centre Des Musiques Didier Lockwood, violinista consolidado na cena mundial do jazz das últimas décadas. Desde o início de sua trajetória, ainda em 1998, já sabia que queria fazer música popular ao violino. Com o Café Acústico, foi agraciado com o Prêmio Açorianos (Melhor Grupo de MPB - 1999 e 2000) e venceu o Festival de Música de Porto Alegre. A partir de 2004, deu início à sua carreira internacional, dividindo-se entre Brasil, Inglaterra e Estados Unidos. As formações de maior destaque foram Pocket Caravan, (3 discos), Grupo Caratinga (1 disco – Press Award-UK 2011 - Melhor CD de Música Brasileira) e o trio Brazilian Ensemble (Prêmio Funarte de Concertos Didáticos 2012), que por meio da instituição Live Music Now, por seis anos, realizou mais de 60 concertos de música brasileira ao ano, passando por Reino Unido, Oriente Médio e Amazônia Brasileira. Músico

internacional, de larga experiência, dividiu palco com artistas e grupos de renome como Xangai, Renato Borghetti, Milton Edilberto, Samuca do Acordeon, Chico Chagas, Só Pra Contrariar e Pedrinho Figueiredo. Nos Estados Unidos, em 2016, ministrou a disciplina "História e Apreciação da Música Latino-Americana" por um programa de intercâmbio de professores (bolsa Fulbright Scholar in Residence Award). Em Porto Alegre, integrou a Camerata Pampeana com o maestro Tasso Bangel (DVD "Alma Farroupilha"), Trio Surdina Pampeano com Samuca do Acordeon e Choro do Pampa com Rafael Ferrari. Em 2018, lançou o seu primeiro disco solo autoral, "De Sol a Sol", no qual arranja, compõe e interpreta gêneros e ritmos da música brasileira e internacional, ao violino de cinco cordas, fato peculiar na discografia brasileira. "De Sol a Sol" recebeu duas indicações ao Prêmio Açorianos de Música e foi selecionado no Femucic 2019, com o frevo de autoria, que dá nome ao disco. Atualmente, protagoniza o projeto Violino No Choro, de fomento e difusão da música genuinamente brasileira, contemplado pela Lei Aldir Blanc, e prepara-se para lançar o seu novo disco autoral.

FICHA TÉCNICA:

Texto: **Felipe Karam**

Produção: **Juliette S. Bavaresco**

Projeto Gráfico: **Mônica Kern**

Fotografia: **Luís Ferreirah**

Revisões: **Flávia D. Alves,**
Risomá Cordeiro e Silvia Abreu

VIOLINO NO CHORO

Financiamento

Projeto realizado com recursos da Lei Aldir Blanc



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Apoio



PROJETO
MAIS
MÚSICA



FUNDAÇÃO MUNICIPAL
DE ARTES DE MONTENEGRO



Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo
Secretaria Municipal da Cultura

Saiba mais em: www.violinonochoro.com.br